



Exclusivo

OPINIÃO

A força da greve geral nota-se na ginástica de Ventura



Daniel Oliveira

ÚLTIMAS ECONOMIA IMOBILIÁRIO REVISTA **OPINIÃO** TRIBUNA BLITZ PODCASTS JOGOS NEWSLETTERS

detesa da mudança de uma lei laboral “soviética” para a recusa do “bar aberto para despedimentos”. A contrarreforma laboral que ninguém pediu, criando um problema que não temos, está nas mãos do Chega. Isso dura até às eleições presidenciais. Os sindicatos reforçaram-se, mas a greve geral foi o primeiro episódio de uma luta longa



07:00

O tão celebrado prémio da Economist, que merecerá outro texto aqui, destaca o **dinamismo do nosso mercado de trabalho**. Até os mais liberais veem coisas diferentes da ministra. Sim, temos um problema com a justiça. Sim, temos um problema com a burocracia. Sim, temos um problema com a baixa qualificação da nossa economia. Sim, temos um problema com os custos da habitação que têm de ser pagos nos salários. Não, não temos um problema com a lei laboral. E se ela não está preparada para novas realidades, não é seguramente este anteprojecto que responde a isso. Pelo contrário, como já [aqui](#) escrevi.

Não é por acaso que estas mudanças radicais à lei laboral estão ausentes **do programa eleitoral da AD**. Claro que o governo as decidiu esconder por saber da sua impopularidade. Mas não foi só isso. Apesar de ter ido mais longe no programa de governo, juntou-se a fome da AD à vontade de comer da ministra, que foi, na forma e no conteúdo, mais longe do que se esperava.

Como académica, a ministra é conhecida pela sua radicalidade ultraliberal. Como advogada, nunca terá, apesar de especialista em direito do trabalho, representado um trabalhador. **Sem experiência política e com uma reforma inteirinha na cabeça, Palma Ramalho sonhava com um código disruptivo com o seu nome**. A vaidade e a inexperiência levaram-na a acreditar que isso se faria sem negociação profunda. Que a UGT aceitaria assinar um acordo se caíssem umas propostas sobre a amamentação, lá postas como lebre. Acredito,

sinceramente acredito, que a ministra tenha sido apanhada de surpresa pelo “rotundo não” da UGT e ainda mais pela consciência sindical dos Trabalhadores Social Democratas (TSD).

Luís Montenegro sabia quem era esta ministra e esperava uma reforma. Mas não esperaria que ela nem falasse com os TSD e avançasse desta forma. Subitamente, rebenta-lhe isto nas mãos: a reação sindical a uma reforma laboral talibã que nem os patrões pediram (mas agradecem os saldos, obviamente). Sem grande sensibilidade para esta área da governação, **o primeiro-ministro só se terá apercebido da gravidade da coisa quando a UGT anunciou a sua adesão a uma greve geral conjunta.**

Acordando tarde demais, fez o que sabe fazer. Disse que **a greve era partidária**, até ser desmentido pelos sindicalistas do seu partido. Lançou **números absurdos para os salários médios e mínimos futuros** de que o país inteiro se riu e que o ministro das Finanças veio relativizar. E, no dia da greve, atirou o **ministro da propaganda para o palco**, para destratar uma greve que, sejam quais forem os números, existiu e teve impacto económico e político. Um comportamento que só dificulta ainda mais o diálogo.

A ajudar a paralisação, um [barómetro](#) terá assustado Montenegro. Assustou-se com uma **maioria tão clara contra esta reforma laboral e pela greve**. Assustou-se com **a maioria dos eleitores da AD** com a mesma posição. Mas tem quatro anos para os fazer esquecer, fiando-se numa economia pendurada no turismo que já crescia quando o governo do PS caiu e continua a crescer, porque, como disse várias vezes (com Sócrates, Passos, Costa e Montenegro), estes ciclos económicos têm pouco a ver com a política interna. Mas a sua maior preocupação será outra: **a grande maioria dos eleitores do Chega também se opõe ao pacote laboral**. Porque essa parte Montenegro não controla.

Ventura, que se preparava para dar a mão ao governo e a quem lhe paga as campanhas, é o bom termómetro dos humores populares. E se alguém tinha dúvidas da eficácia da greve, bastava ver a cambalhota que deu no dia 11 de dezembro: da defesa da mudança de uma lei laboral “soviética” passou para recusa do “bar aberto para despedimentos”; de uma greve geral “em que só os partidos de extrema-esquerda conseguem ver algum benefício” passou para uma greve “legítima” que mostra “um descontentamento generalizado.

Agora, o governo está com o menino nas mãos. Não pode enjeitar tão repugnante cria, mas ela é imprestável para chegar a um acordo. **Reforçada pela greve, a UGT não pode exigir apenas cedências simbólicas.** Sabendo que o Chega, indispensável para aprovação parlamentar, hesita, o **poder negocial dos sindicatos está reforçado**. Mas o que têm à frente é inegociável. Um edifício completo, totalmente inclinado para um lado, em que se pede ao outro que se limite a escolher a derrota. Ainda mais quando o primeiro-ministro diz que estamos no “topo do mundo”. Pediram-se sacrifício no tempo das vacas magras e voltam-se a pedir quando as vacas engordam? Por isso, **o secretário-geral adjunto da UGT, Sérgio Monte, chegou a declarar que se devia começar do zero.**

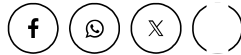
Disse, desde que soube o nome desta ministra, que vinha aí uma reforma radical. Digo, desde que ouvi o nome de Jorge Bravo, que se prepara outra, para a segurança social. **Os interesses que orbitam à volta desta enorme maioria de direita têm vida própria.** Vemos o mesmo nos negócios da saúde. Neste caso, ficou claro que Montenegro não controla como as coisas se fazem seu governo. O comboio partiu e é provável que ele já tenha percebido que não tem como travar a sua

marcha, seja para chegar à estação, seja para descarrilar. Ou talvez já nem o queira fazer, pensando que o pior já passou.

Rui Rocha, ex-líder do aliado incondicional da ministra nesta reforma, escreveu, nas [redes sociais](#): “A reforma laboral não chumbará por causa da força da rua. Chumbará porque Ventura está alinhado com a visão da CGTP e do PCP. A esquerda não pode cantar uma vitória que não será sua. E o Chega não pode continuar a esconder a sua natureza.” Não. A natureza do Chega está, nestes temas, genericamente alinhada com a da IL. O seu eleitorado é que é diferente. E o Chega não pretende ser um partido de nicho, como a IL. **Se chumbar esta contrarreforma, é mesmo por causa da rua.**

Neste momento, o governo está nas mãos do Chega. Mas não devemos ter ilusões. Ao contrário do que nos quer vender a IL, para escavar a fronteira que sobra com Ventura, os financiadores do Chega são os que são e a natureza do partido é a que é (voltarei a isso noutra texto). **Esta conversa durará até às eleições presidenciais, em que Ventura pretende crescer.**

Uma coisa é certa: a greve geral foi apenas o primeiro episódio de uma luta que será longa. **Sindicatos**, que deram uma enorme lição de unidade na semana passada, **e trabalhadores não se podem fiar nos cálculos de Montenegro e Ventura**. Têm de mostrar o preço que terá esta afronta. Certo é que no dia 12 de dezembro já estavam mais fortes do que a 10.



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:
danieloliveira.lx@gmail.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Em
atualizaçã

Tribunal
chumba
várias
normas
da lei da
nacionalidade
e
alteração
do
Código
Penal

**Bruxelas
faz
"marcha"
atrás na
proibição
dos
motores
de
combustão
a partir
de 2035**

Efeito
“ganância” na
Web Summit não
se nota nos
grandes números:
preços de
restaurantes e
hotéis caíram
5,5% na Grande
Lisboa

**Estado
vai
necessitar
de 13
mil
milhões
de
euros
de
financiamento
em
2026**